



# A RAPARIGA NO COMBOIO

PAULA HAWKINS

«Um livro assim, capaz de viciar, escrito em crescendo  
e carregadinho de surpresas e desmentidos,  
só acontece raramente.»

*Diário de Notícias*

TOP  
SEL  
LER

PAULA HAWKINS

**A  
RAPARIGA  
NO  
COMBOIO**



os livros em primeiro lugar

*Para a Kate*

Ela está enterrada à sombra de uma bétula, ali junto aos velhos carris do comboio, com uma lápide a assinalar o túmulo. Não passa de um montículo de pedras, aliás. Eu não queria atrair atenções para a sua última morada, mas também não a poderia deixar sem lembrança. Há de descansar em paz ali, sem que alguém a venha perturbar, sem outra companhia além do canto dos pássaros e do troar dos comboios a passarem.

Uma traz-nos dores; duas, alegrias; três, uma menina\*. Três, uma menina. E eu fico bloqueada no três, não consigo simplesmente passar daí. Tenho a cabeça cheia de ruídos, a boca empastada pelo sangue. Três, uma menina. Oiço as pegas a rirem-se, a fazerem troça de mim, com aqueles seus grasnidos roucos. Um presságio. Um mau presságio. Consigo vê-las agora, o preto recortado contra o sol. Não são as aves, é outra coisa qualquer. Vem aí alguém. Alguém está a falar comigo. «Vê lá. Vê lá o que me obrigaste a fazer.»

---

\* «*One for sorrow, two for joy, three for a girl.*» Primeiros versos de uma canção e lengalenga infantil inglesa com centenas de anos, segundo a qual o número de pegas que avistamos determina a nossa sorte, prosseguindo a tradição ancestral de leitura de presságios através dos pássaros. [N. do T.]

# RACHEL

*Sexta-feira, 5 de julho de 2013*

*Manhã*

HÁ UM MONTE DE ROUPAS ao lado dos carris do comboio. Um trapo azul-claro — uma camisa, talvez — misturado entre outros brancos encardidos. Provavelmente não passa de lixo, atiraram-no para aqui daquele pequeno bosque ao cimo da ribanceira. Ou podem-no ter deixado os homens que costumam andar a arranjar este troço da linha. Ou pode ser outra coisa qualquer. A minha mãe costumava dizer-me que eu tinha uma imaginação demasiado fértil; já o Tom dizia o mesmo. A culpa não é minha: basta-me ver uns farrapos largados, uma camisa suja ou um sapato abandonado e desato a pensar no outro sapato e nos pés que os terão calçado.

O comboio sacode-se e chia e volta a arrancar, com o pequeno monte de roupas a desaparecer de vista, à medida que rolamos de novo a caminho de Londres em marcha lenta. Alguém atrás de mim solta um suspiro de desespero irritado; o comboio regional das 8ho4 consegue dar cabo da paciência até mesmo do passageiro mais cordial. A viagem deveria levar 54 minutos, mas raramente cumpre o horário: esta parte da linha está velha e decrépita, cheia de falhas de sinalização e obras intermináveis.

O comboio arrasta-se em frente; estremece por entre os armazéns e os reservatórios de água, pontes e barracões, passando por casas vitorianas modestas com as traseiras voltadas para a linha.

Com a cabeça encostada à janela, fico a ver as casas a passarem por mim como num plano de um filme. Vejo-as como os outros não são capazes de as ver; provavelmente nem sequer os donos alguma vez as terão visto da minha perspetiva. Duas vezes ao dia, é-me oferecido um vislumbre das vidas dos outros, só por um instante. Há algo reconfortante em ver estranhos em segurança nas suas casas.

Ouve-se o telemóvel de alguém a tocar, uma música incongruente e alegre e animada. Demoram algum tempo a atender, e ela continua a soar e a cantarolar à minha volta. Consigo sentir os meus companheiros de viagem a remexerem-se nos bancos, a folhearem os jornais, a baterem nas teclas dos seus portáteis. O comboio dá uma guinada e inclina-se na curva, abrando ao aproximar-se de um sinal vermelho. Tento não olhar para cima, tento ler apenas o jornal gratuito que me deram à entrada da estação, mas as palavras esborratam-se à frente dos meus olhos, não há nada que me prenda a atenção. Ainda consigo ver aquele pequeno monte de roupas na minha cabeça, atirado à beira da linha, completamente ao abandono.

### *Final da tarde*

O gin tónico de lata faz um barulho efervescente quando o aproximo da boca para dar um gole. Amargo e frio, o sabor das minhas primeiras férias com o Tom, naquela aldeia de pescadores na costa Basca, em 2005. De manhã nadávamos 800 metros até à pequena ilha no meio da baía, onde fazíamos amor nas praias desertas mais escondidas; de tarde sentávamo-nos na esplanada a beber gins tónicos gelados muito fortes, enquanto víamos os bandos de futebolistas de praia a disputarem jogos caóticos de 25 para 25 na areia molhada da maré baixa.

Tomo outro gole, e mais outro; a lata já está meio vazia, mas é indiferente, tenho outras três no saco de plástico aos meus pés. É sexta-feira, por isso não tenho de me sentir culpada por estar a beber no comboio. Graças a Deus é sexta-feira. É quando a coisa se torna divertida.

Vai ser um belo fim de semana, é o que dizem. Um sol magnífico, o céu azul. Nos bons velhos tempos, íamos de carro até Corly Wood com um cesto de piquenique e os jornais, passávamos a tarde deitados num cobertor a aproveitar os raios de sol que atravessavam por entre as folhas das árvores, bebíamos vinho. Ou podíamos fazer um churrasco no quintal com os amigos, ou ir até ao The Rose e sentar-nos na esplanada a beber cerveja, com as caras rosadas do sol e do álcool, ao fim da tarde, antes de irmos para casa já tontos, de braço dado, para adormecermos os dois no sofá.

Um sol magnífico, o céu azul, mas ninguém com quem os partilhar, nada que fazer. É mais difícil viver assim no verão, da maneira como eu tenho vivido, quando os dias são tão longos, há tanta luz, tão pouca ajuda da noite, com toda a gente na rua a ser tão obviamente e tão agressivamente feliz. É esgotante, e faz-nos sentir ainda pior, por não nos podermos juntar à festa.

Tenho todo o fim de semana pela frente, 48 horas vazias para matar. Levo a lata uma vez mais à boca, mas não sobra uma única gota.

*Segunda-feira, 8 de julho de 2013*

*Manhã*

É tão bom estar de volta ao comboio das 8ho4. Não estou propriamente desejosa de chegar a Londres para mais uma semana — não me apetece por aí além estar em Londres, aliás. Só quero recostar-me neste banco de veludo coçado, a sentir o calor do sol que entra pela janela, a sentir a carruagem a abanar para um lado e para o outro e para trás e para a frente, a cadência reconfortante das rodas nos carris. Prefiro muito mais estar aqui, a olhar para as casas junto à linha, do que em quase todos os lugares do mundo.

Há um sinal avariado na linha, algures a meio da viagem. Presumo que esteja avariado, pelo menos, porque está praticamente sempre vermelho; temos de ficar ali parados na maioria das vezes, às vezes só uns segundos, outras vezes minutos a fio. Se eu me sentar na



carruagem D, como faço normalmente, e se o comboio parar no sinal, como acontece quase sempre, tenho uma perspetiva perfeita para a minha casa preferida junto à linha: o n.º 15.

O n.º 15 é muito parecido com o resto das casas ao longo deste troço da linha: uma vivenda vitoriana geminada, de dois pisos, com vista para o pequeno e bem-cuidado jardim das traseiras, 6 metros de terreno delimitados por uma cerca e depois mais uns metros de terra de ninguém à beira da linha do comboio. Conheço esta casa de cor e salteado. Conheço cada tijolo, a cor das cortinas no quarto do primeiro andar (beges, com um estampado azul-escuro), e sei que a tinta dos caixilhos da janela da casa de banho está descascada e que faltam quatro telhas no telhado do lado direito da casa.

Sei que, nas noites mais quentes de verão, os moradores da casa, o Jason e a Jess, costumam saltar a janela de guilhotina para se sentarem no terraço improvisado por cima do alpendre da cozinha. Fazem um casal perfeito e luminoso. Ele tem o cabelo preto e um belo corpo, é forte, protetor e bondoso. Tem uma gargalhada magnífica. Ela é uma daquelas mulheres pequeninas, uma boneca com a pele branquíssima e o cabelo louro bastante curto. Tem uma estrutura óssea que lhe permite esse género de corte, com as maçãs do rosto salientes salpicadas de sardas e um queixo bem desenhado.

Procuo-os enquanto estamos parados no sinal vermelho. Principalmente no verão, a Jess costuma estar lá fora de manhã, a beber café. Às vezes, quando a vejo ali, sinto que ela também me vê, sinto que ela também me observa e apetece-me acenar-lhe. Mas sou demasiado acanhada. Não costumo ver tanto o Jason, anda muitas vezes fora em trabalho. Porém, mesmo quando eles não estão lá, penso no que andarão a fazer. Talvez hoje de manhã tenham tirado um dia de folga, e ela esteja deitada na cama enquanto ele faz o pequeno-almoço, ou talvez tenham ido correr os dois juntos, porque é o género de coisa que eles fazem. (Dantes, o Tom e eu íamos correr os dois ao domingo, eu um pouco mais depressa do que a minha passada normal, o Tom a abrandar o seu ritmo, só para podermos correr lado a lado.) Talvez a Jess esteja lá em cima no quarto de hóspedes a pintar, ou talvez tenham ido tomar banho juntos, as mãos dela contra os azulejos, as mãos dele a apertarem-lhe as ancas.

*Final da tarde*

Virando-me um pouco para a janela, de costas para o resto da carruagem, abro uma das pequenas garrafas de *Chenin Blanc* que comprei na Whistletop da estação de Euston. O vinho não está frio, mas vai ter de servir. Despejo dois dedos num copo de plástico, volto a atarraxar a tampa e enfio a garrafa na mala. Não é tão aceitável beber no comboio à segunda-feira, a não ser que tenhamos companhia, que não tenho.

Há sempre caras conhecidas nestes comboios, gente que eu vejo todas as semanas, a irem e a virem de cá para lá. Reconheço-os como provavelmente me reconhecem a mim. Só não sei se me veem mesmo, no entanto, tal como eu sou.

Está uma tarde magnífica, quente, mas não demasiado, com o sol a começar a descer preguiçosamente, as sombras alongando-se cada vez mais, a luz tingindo de ouro as folhas das árvores. O comboio chocalha acelerado, passando a correr pela casa do Jason e da Jess, quase indistinta à luz do final da tarde. Às vezes, raramente, consigo vê-los também deste lado da linha. Se não houver qualquer comboio a vir no outro sentido, e se formos suficientemente devagar, consigo ainda apanhar um vislumbre deles lá fora no terraço. Caso contrário — como hoje —, posso sempre imaginá-los. A Jess há de estar sentada com os pés estendidos em cima da mesa no terraço, um copo de vinho na mão, o Jason atrás dela, de pé, com as mãos nos ombros da mulher. Consigo imaginar o toque das mãos dele, a sua leve pressão, revigorante e protetora. Às vezes dou por mim a tentar lembrar-me da última vez que tive alguma espécie de contacto físico relevante com outra pessoa, nem que tenha sido um abraço ou um aperto de mão caloroso, e sinto o coração estremecer-me.

*Terça-feira, 9 de julho de 2013**Manhã*

O monte de roupa da semana passada ainda ali está, e parece mais sujo e mais abandonado do que há uns dias. Li algures que um comboio,

quando nos atropela, é capaz de nos arrancar a roupa do corpo. Não é assim tão invulgar, ser atropelado por um comboio. Duas a três centenas de mortes por ano, é o que dizem, portanto pelo menos uma dia sim, dia não. Não sei quantas serão acidentais. Olho com atenção, enquanto o comboio passa lentamente, à procura de sangue nas roupas, mas não vejo nada.

O comboio para no semáforo, como de costume. Consigo ver a Jess de pé no pátio à frente das portas duplas. Tem um vestido rosa-choque e os pés descalços. Está a olhar por cima do ombro, para dentro de casa; deve estar a falar com o Jason, que deve estar a fazer o pequeno-almoço. Fico de olhos presos na Jess, na casa dela, enquanto o comboio vai arrancando. Não quero ver as outras casas; não quero sobretudo ver a casa quatro portas abaixo, aquela que dantes era a minha.

Morei no n.º 23 de Blenheim Road durante cinco anos, anos de uma felicidade absoluta e de uma miséria completa. Agora não consigo olhar para lá. Aquela foi a minha primeira casa. Não a casa dos meus pais, nem um apartamento partilhado com colegas: foi a *minha* primeira casa. Simplesmente não consigo olhar para lá. Ou consigo, e até olho, e quero olhar, mas não quero, pelo menos tento não olhar. Todos os dias digo a mim própria para não olhar, e todos os dias olho para lá. Não consigo evitar, ainda que não haja lá nada que eu queira ver, ainda que tudo o que eu vir só poderá deixar-me magoada. Ainda que me lembre perfeitamente do que senti naquela vez em que olhei para cima e reparei que as persianas beges do quarto do primeiro andar tinham desaparecido, substituídas por umas cortinas quaisquer cor-de-rosa-claras; ainda que ainda me lembre da dor que senti ao ver a Anna a regar as roseiras junto à cerca, com a t-shirt esticada por cima da sua grande barriga, e de ter mordido o lábio até fazer sangue.

Fecho os olhos com força e conto até dez, quinze, vinte. Pronto, agora já desapareceu, nada há para ver. Entramos na estação de Witney e voltamos a sair, com o comboio a acelerar a marcha à medida que os subúrbios se diluem na suja e pardacenta região norte de Londres, as casas geminadas substituídas por pontes cheias de *graffiti* e edifícios vazios com as janelas partidas. Quanto mais nos aproximamos

de Euston, mais ansiosa me sinto; a tensão aumenta; como será o dia de hoje? Há um prédio asqueroso de betão do lado direito da linha, uns 500 metros antes de entrarmos em Euston. Alguém pintou na parede: A VIDA NÃO É UM PONTO PARÁGRAFO. Penso na trouxa de roupas junto à linha e sinto a garganta apertada. A vida não é um ponto parágrafo, e a morte não é um parêntesis.

### *Final da tarde*

O comboio da tarde, o das 17h56, é um pouco mais lento do que o da manhã: a viagem leva uma hora e um minuto, sete minutos a mais, apesar de parar nas mesmas estações. Pouco me importa, porque não tenho grande pressa de voltar a Ashbury, tal como não tenho grande pressa de chegar a Londres de manhã. Não só por ser Ashbury, embora o sítio seja suficientemente mau, uma cidade-dormitório dos anos 60 que se espalhou como um tumor no coração de Buckinghamshire. Não é melhor nem pior do que todas as outras cidades iguais a essa, o centro cheio de cafés e lojas de telemóveis e sucursais da JD Sports, cercado por uma faixa de subúrbios, seguida pelo grande cinema multiplex com hipermercado da Tesco. Vivo num quarteirão finório (mais ou menos) e novinho em folha (assim-assim), que fica no sítio onde o coração comercial da cidade se começa a fundir nos arrabaldes residenciais, mas não é essa a minha casa. A minha casa é a vivenda geminada vitoriana junto ao caminho de ferro, aquela de que eu era dona a meias. Em Ashbury não sou dona da casa, nem sequer inquilina: sou uma mera ocupante, instalada no pequeno quarto de hóspedes do duplex desenxabido e inofensivo da Cathy, vítima do seu favor e da sua misericórdia.

Eu e a Cathy éramos amigas na universidade. Meias-amigas, aliás: nunca fomos assim tão chegadas. Ela vivia no quarto em frente ao meu no primeiro ano, e andávamos no mesmo curso, por isso fomos aliadas naturais naquelas primeiras semanas assustadoras antes de conhecermos pessoas com quem tivéssemos mais em comum. Não nos vimos muito uma à outra após aquele primeiro ano e quase nunca depois do curso, tirando algum casamento esporádico. Porém,

na minha hora de aperto, ela tinha por acaso um quarto livre a arrendar, e fazia sentido que eu ficasse com ele. Tinha a certeza de que seria só por um ou dois meses, no máximo seis, e não sabia o que fazer. Nunca tinha vivido sozinha, tinha passado da casa dos meus pais para o apartamento com os colegas e depois com o Tom; achei a ideia irresistível, por isso aceitei. Entretanto passaram-se quase dois anos.

Não é *horrível*. A Cathy é uma pessoa simpática, de uma maneira algo forçada. Faz-nos sempre reparar que está a ser simpática. É uma simpatia agressiva, é aquilo que a distingue de toda a gente, e ela sente que tem de ser reconhecida por isso, muitas vezes, quase diariamente, o que se pode tornar cansativo. Contudo não é assim tão mau, consigo lembrar-me de defeitos piores numa companheira de casa. Não, não é a Cathy, não é sequer Ashbury que me incomoda mais na minha nova condição (ainda a considero nova, apesar de se terem passado dois anos). É ter perdido o controlo. No apartamento da Cathy, não consigo deixar de me sentir uma convidada à mercê dos limites da sua hospitalidade. É o que sinto na cozinha, quando disputamos o espaço para fazer o jantar. É o que sinto quando me sento ao lado dela no sofá, o comando ao alcance ostensivo das mãos dela. O único lugar que me sabe a meu é o pequeno quartinho onde enfiámos uma cama de casal e uma secretária, tão acanhado, que quase não dá para passar. É suficientemente confortável, mas não é um sítio onde nos apeteça *estar*, de maneira que eu me vou deixando ficar na sala ou sentada à mesa da cozinha, pouco à vontade e de braços cruzados. Perdi o controlo sobre tudo, até sobre os lugares dentro da minha cabeça.

*Quarta-feira, 10 de julho de 2013*

*Manhã*

O calor está a aumentar. Ainda pouco passa das 8 e meia e o dia já está abafado, o ar saturado de humidade. Eu bem podia pedir uma tempestade, mas o céu está insolentemente limpo e azul. Enxugo o suor do rosto. Quem me dera ter comprado uma garrafa de água.

Não consigo ver o Jason e a Jess hoje de manhã, e sinto uma tremenda desilusão. É idiota, eu sei. Perscruto a casa, mas não há nada para ver. As cortinas estão abertas cá em baixo, mas as portas duplas estão fechadas, com o sol a refletir-se nos vidros. A janela de guilhotina do primeiro andar também está fechada. Pode ser que o Jason esteja fora em trabalho. Ele é médico, acho eu, provavelmente numa daquelas organizações internacionais. Está constantemente de prevenção, com a mala feita no cimo do roupeiro; basta haver um terramoto no Irão ou um *tsunami* na Ásia para largar tudo, agarrar na mala e se meter no aeroporto de Heathrow em menos de nada, pronto para apanhar o avião e ir salvar vidas.

A Jess, com os seus vestidos garridos e os ténis *Converse* e toda a sua beleza, a sua atitude, trabalha na indústria da moda. Ou talvez esteja ligada à música ou à publicidade: pode ser estilista ou fotógrafa. É uma excelente pintora, também, com uma veia artística. Estou mesmo a vê-la, no quarto de hóspedes lá em cima, com a música aos berros, a janela aberta, um pincel na mão, uma tela enorme encostada à parede. Há de lá ficar até à meia-noite; o Jason sabe perfeitamente que não a pode incomodar quando ela está concentrada.

É claro que não a estou a ver. Não sei se ela pinta mesmo, ou se o Jason tem uma bela gargalhada, ou se a Jess tem as maçãs do rosto bonitas. Não lhe consigo ver bem a cara daqui, nem nunca sequer ouvi a voz do Jason. Nunca os vi de perto, eles não moravam na casa quando eu vivia na rua. Mudaram-se depois de eu me ter ido embora há dois anos, não sei bem quando. Acho que comecei a reparar neles há cerca de um ano, e pouco a pouco, à medida que os meses foram passando, eles acabaram por se tornar importantes.

Também não sei como se chamam, por isso tive de lhes dar nomes. Jason, porque ele é bonito ao estilo de uma estrela de cinema inglesa, não como um Depp ou um Pitt, mas sim como um Firth ou um Jason Isaacs. E Jess, só porque condizia com Jason, e o nome assenta-lhe bem. É bonito e despreocupado como ela. Fazem um bom par, aqueles dois. São felizes, dá para ver. São tal como eu era antigamente, o Tom e eu, há cinco anos. São aquilo que eu perdi, tudo o que eu sempre quis ser.

*Final da tarde*

Tenho a camisa desagradavelmente apertada, os botões espremidos contra o peito, com manchas de suor pegajoso debaixo dos braços. Doem-me os olhos e a garganta. Esta tarde não quero que a viagem se arraste; só me apetece chegar a casa, despir-me e enfiar-me no duche, onde ninguém pode olhar para mim.

Olho para o homem sentado no lugar à minha frente. Deve ter a minha idade, 30 e poucos anos, com o cabelo preto, já um pouco grisalho de lado. Um ar macilento. Trazia um fato vestido, mas tirou o casaco e poisou-o no banco ao seu lado. Tem um *MacBook* finíssimo aberto à frente dele. É lento a escrever. Tem um relógio prateado com um mostrador enorme no pulso direito: parece caro, talvez seja um *Breitling*. Vai roendo o interior das bochechas. Talvez esteja nervoso. Ou só a pensar profundamente. A escrever um e-mail importante para um colega no escritório de Nova Iorque, ou a medir bem as palavras para acabar com a namorada. Levanta a cabeça de repente e surpreende-me o olhar; fita-me de cima a baixo, assim como à pequena garrafa de vinho na mesa à minha frente. Desvia os olhos. Há qualquer coisa na expressão da boca dele que sugere desagrado. Acha que eu sou desagradável.

É verdade que não sou a rapariga que era dantes. Já não sou apetecível, tornei-me até de certa forma repelente. Não se trata apenas do peso que ganhei, ou de ter a cara inchada de toda a bebida e falta de sono; é como se as pessoas conseguissem ver à primeira vista que caí em desgraça: ler-ma na cara, na forma de me sentar, na maneira de eu andar.

Há umas noites, na semana passada, quando saí do quarto para ir buscar um copo de água, ouvi a Cathy a falar com o Damien, o namorado dela, na sala. Fiquei no corredor à escuta.

— Ela anda muito sozinha — estava a dizer a Cathy. — Estou preocupada com ela. Não ajuda nada, estar assim sempre sozinha. Não conheces ninguém no trabalho ou na equipa de râguebi? — acrescentou.

O Damien perguntou:

— Que possa estar interessado na Rachel? Desculpa lá, Cath, mas acho que não conheço ninguém assim tão desesperado.

*Quinta-feira, 11 de julho de 2013*

*Manhã*

Estou a desfazer o penso no meu dedo. Faz comichão, molhei-o quando estava a lavar a minha chávena de café hoje de manhã; parece peganhento e sujo, mas estava bem limpo quando acordei. Não quero tirá-lo, porque tenho um golpe profundo. A Cathy não estava em casa quando eu cheguei, por isso fui até à loja de bebidas e comprei duas garrafas de vinho. Bebi a primeira e depois pensei que poderia aproveitar, já que estava sozinha, para fazer um bife com cebola caramelizada, com uma salada de alface a acompanhar. Uma refeição saborosa e saudável. Cortei a ponta do dedo a fatiar as cebolas. Devo ter ido à casa de banho limpá-lo, e depois deitei-me só um bocado e esqueci-me completamente do jantar, porque acordei por volta das 10 e ouvi a Cathy a falar com o Damien, a dizer que era inacreditável que eu tivesse sido capaz de deixar aquela confusão. Ela subiu as escadas para ver como eu estava, bateu suavemente à minha porta e abriu-a ligeiramente. Pôs a cabeça de lado e perguntou se estava tudo bem. Eu pedi desculpa, sem ter bem a certeza do quê. Ela disse que não fazia mal, mas perguntou se eu me importaria de ir arrumar as coisas. Havia sangue na tábua de cortar, a cozinha cheirava a carne crua, o bife ainda estava em cima da bancada, com um aspeto cinzento. O Damien nem sequer me cumprimentou, limitou-se a abanar a cabeça quando me viu, e subiu as escadas para ir ter com a Cathy ao quarto.

Depois de se terem ido deitar, lembrei-me de que não tinha bebido a segunda garrafa e então abri-a. Sentei-me no sofá e fiquei a ver televisão com o som muito baixo, para eles não ouvirem. Não me consigo lembrar do que vi, mas a certa altura devo ter-me sentido sozinha, ou animada, ou outra coisa qualquer, porque me apeteceu falar com alguém. A necessidade de contacto deve ter sido irresistível, e não havia ninguém a quem eu pudesse ligar além do Tom.

Não há ninguém com quem eu queira falar além do Tom. O registo de chamadas do telemóvel diz que eu lhe liguei quatro vezes: às 23h02, às 23h12, às 23h54 e às 00h09. A julgar pela duração das chamadas, ter-lhe-ei deixado duas mensagens. Até pode ter atendido, mas



não me lembro de falar com ele. Lembro-me de deixar a primeira mensagem; acho que só lhe pedi para me ligar de volta. Talvez tenha sido isso o que eu disse nas duas mensagens, o que não é assim tão mau.

O comboio abranda até parar no sinal vermelho, e eu olho para cima. A Jess está sentada no pátio, a beber um café. Tem os pés estendidos em cima da mesa e a cabeça deitada para trás, está a apanhar banhos de sol. Atrás dela, acho que consigo ver um vulto, alguém a mexer-se: o Jason. Anseio por conseguir vê-lo, ter um vislumbre da sua cara bonita. Quero que ele venha cá para fora, que fique atrás dela, como costuma fazer, que lhe dê um beijo na testa.

Ele não sai, e a Jess endireita a cabeça. Há qualquer coisa na maneira como ela se mexe hoje que parece diferente; está mais lenta, mais pesarosa. Desejo que ele saia cá para fora, mas o comboio dá um safanão e arrasta-se para a frente, e ainda não há sinal dele; ela está sozinha. Agora, sem pensar, dou por mim a olhar a direito para a minha casa e não consigo afastar os olhos. As portas duplas estão abertas de par em par, a luz a banhar a cozinha. Não sei, a sério que não sei, se estou a ver mesmo isto ou a imaginar: estará ela ali mesmo, no lava-loiças, a arrumar as coisas? Há mesmo uma bebé deitada numa daquelas espreguiçadeiras em cima da mesa da cozinha?

Fecho os olhos e deixo a escuridão crescer e espalhar-se, até se transformar de uma espécie de tristeza em algo bastante pior: uma recordação, um regresso ao passado. Eu não lhe pedi apenas que me ligasse de volta. Agora consigo lembrar-me: eu estava a chorar. Disse-lhe que ainda o amava, que o iria amar sempre. *Por favor, Tom, por favor. Tenho de falar contigo. Tenho saudades tuas.* Não não não não não não não.

Tenho de a aceitar, não vale a pena tentar ignorar esta sensação. Vou sentir-me péssima durante todo o dia. Há de chegar em ondas — mais forte e depois mais fraca e depois mais forte outra vez —, aquele nó na barriga, a angústia da vergonha, o rubor a subir-me às faces, os olhos muito apertados como se assim pudesse apagar o que fiz. E hei de dizer a mim própria, durante todo o dia, que já houve coisas piores, não é? Já fiz coisas piores: não é como se tivesse tropeçado em público ou gritado a um estranho na rua. Não é como se tivesse humilhado o meu marido num churrasco de verão, ao gritar que ele me batia em frente à mulher de um dos amigos dele. Não é como se tivéssemos

discutido uma noite em casa, e eu o tivesse atacado com um taco de golfe, abrindo um buraco na parede do corredor à porta do quarto. Não é como se tivesse voltado para o trabalho a cambalear após um almoço de três horas, com toda a gente a olhar para mim, e o Martin Miles a puxar-me para um canto: *Acho que se calhar devias ir para casa mais cedo, Rachel*. Uma vez li um livro de uma ex-alcoólica em que ela contava que tinha feito sexo oral a dois homens, que tinha acabado de conhecer num restaurante, numa rua no centro de Londres. Lembro-me de ler aquilo e pensar: não estou assim *tão* mal. Há limites para tudo.

### *Final da tarde*

Passei o dia todo a pensar na Jess, sem conseguir concentrar-me fosse no que fosse além do que tinha visto hoje de manhã. O que me terá feito pensar que se passava algo de errado? Eu não lhe podia ver a expressão do rosto àquela distância, mas senti, quando olhei para ela, que estava sozinha. Mais do que sozinha: abandonada. Provavelmente estaria: provavelmente ele teria ido para fora, para um daqueles países tropicais aonde costuma ir e salvar vidas. Ela sente a sua falta e fica preocupada, apesar de saber que ele tem de ir.

É claro que sente a falta dele, tal como eu. Ele é meigo e forte, tudo o que um marido deve ser. E eles são amigos. Dá para ver, eu sei que são. A força dele, a proteção que irradia não querem dizer que ela seja fraca. Ela é forte de outras maneiras; dá saltos lógicos que o deixam de boca aberta de espanto. É capaz de ir ao cerne de um problema, dissecá-lo e analisá-lo no tempo que outra pessoa levaria a dar o bômbom-dia. Ele costuma dar-lhe a mão nas festas, apesar de estarem casados há anos. Respeitam-se um ao outro, não se tentam rebaixar.

Esta tarde sinto-me estoirada. Estou sóbria, até demasiado. Às vezes sinto-me tão mal, que me vejo obrigada a beber; às vezes sinto-me tão mal, que não sou capaz de o fazer. Hoje, só pensar em álcool, já me dá a volta ao estômago. No entanto, estar sóbria no comboio da tarde é um verdadeiro desafio, principalmente agora, com este calor. Tenho uma película de suor a cobrir cada centímetro quadrado da minha pele, o interior da boca seco, os olhos a arderem, com o rímel a enfiar-se lá dentro.

O telemóvel toca dentro da mala, e eu dou um salto no banco. Duas miúdas do outro lado da carruagem olham para mim e depois uma para a outra, trocando um sorriso cúmplice. Não sei o que pensam de mim, mas não pode ser coisa boa. Tenho o coração aos pulos ao levar a mão ao telemóvel. Sei que também não há de ser coisa boa: deve ser a Cathy, é possível, a perguntar-me do alto da sua simpatia se não me importo de não me enfrascar hoje à tarde. Ou a minha mãe, a dizer que vai estar em Londres na próxima semana, que há de passar pelo escritório, que talvez possamos ir almoçar. Olho para o ecrã. É o Tom. Hesito só por um segundo e depois atendo.

— Rachel?

Nos primeiros cinco anos que o conheci, nunca fui Rachel, mas Rach. Às vezes Shelley, porque ele sabia que eu odiava e porque lhe dava vontade de rir que eu ficasse irritada e depois soltasse uma risadinha, porque não era capaz de não me derreter com as gargalhadas dele.

— Sou eu, Rachel. — Tem a voz pesada, parece cansado. — Ouve, tens de acabar com isto, está bem? — Eu não digo nada. O comboio abranda e estamos quase em frente à casa, a minha antiga casa. Ape-te-me dizer-lhe: *Anda cá fora, vem ter ao relvado do jardim. Deixa-me ver-te.* — Por favor, Rachel, não podes passar a vida a ligar-me. Tens de te endireitar de uma vez por todas. — Sinto um nó na garganta, apertado e sufocante. Não consigo engolir. Não sou capaz de falar. — Rachel? Estás aí? Eu sei que as coisas não têm andado bem contigo, e tenho muita pena, a sério que tenho, mas... não te posso ajudar, e estas chamadas de madrugada estão a incomodar a Anna. Está bem? Não te posso ajudar mais. Fala com os alcoólicos anónimos ou qualquer coisa do género. Por favor, Rachel. Vai a uma reunião dos alcoólicos anónimos após o trabalho, hoje.

Arranco o penso imundo da ponta do dedo e olho para a pele esbranquiçada e enrugada por baixo, com o sangue seco empastado no canto da unha. Enfio o polegar direito no meio do corte e sinto-o a abrir, a dor lancinante e aguda. Sustenho a respiração. O sangue começa a escorrer da ferida. As raparigas do outro lado da carruagem observam-me, inexpressivas.

# MEGAN

## Um ano antes

*Quarta-feira, 16 de maio de 2012*

*Manhã*

CONSIGO OUVIR O COMBOIO a aproximar-se; conheço aquela cadência de cor. Acelera ao sair da estação de Northcote e então, após um ruído metálico ao fazer a curva, começa a abrandar, do estrépito a um simples rumor, às vezes a um chiar dos travões ao parar no sinal, a uns 200 metros de casa. O meu café está frio em cima da mesa, mas estou demasiado confortável e tenho demasiada preguiça para me levantar e fazer outra chávena.

Às vezes nem sequer vejo os comboios a passarem, limito-me a ouvi-los. Sentada aqui de manhã, com os olhos fechados e o calor do sol dourado nas pálpebras, é como se estivesse em qualquer outro lado. Poderia estar no Sul de Espanha, na praia; ou poderia estar em Itália, em Cinque Terre, com todas aquelas casinhas coloridas e os comboios a levarem os turistas para cá e para lá. Poderia estar em Holkham, com as gaivotas a gritarem-me aos ouvidos e o sabor a sal na língua e um comboio fantasma a passar na linha enferrujada, a 800 metros de distância.

O comboio não vai parar hoje, limita-se a rolar lentamente. Consigo ouvir as rodas a matraquearem nos carris e quase me sinto embaçada pelos solavancos. Não consigo ver as caras dos passageiros; sei

que são simples moradores suburbanos a caminho de Euston para se sentarem atrás das suas secretárias, mas posso sempre sonhar: com viagens mais exóticas, aventuras intermináveis que se prolongam para lá do fim da linha. Estou sempre a voltar a Holkham dentro da minha cabeça; é estranho ainda pensar nisso, em manhãs como esta, com tanto carinho, tanta saudade, mas ainda penso. O vento a soprar na relva, o céu negro a perder de vista sobre as dunas, a casa infestada de ratos e a cair aos bocados, cheia de velas e de pó e de música. É como um sonho que não me larga.

Sinto o meu coração a bater descompassado.

Consigo ouvir o som dos passos dele nas escadas, antes de chamar por mim.

— Queres outro café, Megs?

O feitiço quebrou-se, agora acordei.

### *Final da tarde*

Tenho frio por causa do vento e calor por causa dos dois dedos de vodca no meu *Martini*. Estou cá fora no terraço, à espera de que o Scott chegue a casa. Vou convencê-lo a levar-me a jantar naquele restaurante italiano de Kingly Road. Caramba, há séculos que não saímos.

Hoje não fiz grande coisa. Deveria ter preparado tudo para me candidatar ao curso de tecidos em Saint Martins; até comecei a fazê-lo, estava a trabalhar lá em baixo na cozinha quando ouvi uma mulher a gritar, uma algazarra horrível, e pensei que estivessem a matar alguém. Corri lá para fora até ao jardim, mas não consegui ver coisa alguma.

Ainda conseguia ouvi-la, no entanto; era horroroso, enfiava-se-me nos ouvidos, a voz dela estridente e desesperada.

— O que é que estás a fazer? O que é que estás a fazer com ela? Dá-ma cá, dá-ma cá imediatamente.

Parecia que nunca mais acabava, se bem que provavelmente só terá durado uns segundos.

Corri até ao primeiro andar e saí para o terraço e consegui ver, por entre as árvores, duas mulheres junto à cerca, uns jardins mais acima.

Uma delas estava a gritar — talvez estivessem as duas —, e havia uma criança aos berros, também.

Pensei se deveria chamar a polícia, mas então as coisas pareceram acalmar-se. A mulher que gritara fugiu para dentro de casa, levando com ela o bebé. A outra ficou lá fora. Correu até à casa, tropeçou e endireitou-se e depois pôs-se a andar às voltas pelo jardim. Foi mesmo estranho. Só Deus sabe o que se estaria ali a passar. Ainda assim, foi a coisa mais entusiasmante que me aconteceu nas últimas semanas.

Os dias parecem-me vazios, agora que já não tenho a galeria para onde ir. Sinto mesmo a falta dela. Tenho saudades de falar com os artistas. Até tenho saudades daquelas dondocas desagradáveis de 20 ou 30 anos que costumavam aparecer, de copo do Starbucks na mão, para olharem feitas parvas para os quadros, a dizerem às amigas que as filhinhas faziam desenhos melhores na creche.

Às vezes apetece-me ver se consigo encontrar algum dos meus velhos amigos, mas depois penso: do que iria falar com eles agora? Eles não iriam sequer reconhecer a Megan suburbana com o seu casamento feliz. No entanto também não posso correr o risco de olhar para trás, isso nunca é boa ideia. Vou esperar que o verão acabe, e depois logo procuro trabalho. Seria uma pena desperdiçar estes dias magníficos. Hei de encontrar alguma coisa aqui ou noutro lado qualquer, tenho a certeza de que sim.

*Terça-feira, 14 de agosto de 2012*

*Manhã*

Dou por mim de pé à frente do roupeiro, a olhar pela centésima vez para os meus belos vestidos, o guarda-roupa ideal para a diretora de uma pequena, embora sofisticada, galeria de arte. Nada há aqui que diga «ama-seca». Céus, a simples palavra dá-me vômitos. Visto umas calças de ganga e uma t-shirt, penteio o cabelo para trás. Nem sequer me dou ao trabalho de pôr maquilhagem. Não vale a pena, pois não, enfeitar-me para passar o dia todo com um bebé?

Desço as escadas irritada, como que a pedir uma discussão. O Scott está a fazer café na cozinha. Vira-se para mim com um sorriso, e fico imediatamente de bom humor. Tento transformar as minhas trombas num sorriso. Ele dá-me uma chávena de café e um beijo.

A ideia foi minha, é inútil querer culpá-lo por isto. Fui eu que me ofereci para cuidar da criança dos vizinhos. Na altura, pensei que poderia ser divertido. Devia estar doida varrida. Aborrecida, maluca, curiosa. Queria ver como era. Acho que tive a ideia depois de a ouvir a gritar no jardim, e quis saber o que se passava. É claro que não perguntei. Não se pergunta estas coisas, pois não?

Foi o Scott quem me incentivou: ficou radiante quando eu falei no assunto. Acha que, se eu passar algum tempo com bebés, vou ficar ansiosa por ter um. Na verdade, está a ter o efeito contrário: venho a correr para aqui mal saio da casa deles, ansiosa por tirar as roupas e me enfiar no duche e me livrar daquele cheiro a bebé.

Sinto tanto a falta dos meus dias na galeria, enfeitada, com o cabelo arranjado, a conversar com adultos sobre artes plásticas ou cinema ou nada. Falar sobre nada seria bastante melhor do que as minhas conversas com a Anna. É tão estúpida! Dá a ideia de que ela em tempos já foi capaz de ter uma conversa decente, mas agora gira tudo à volta do bebé. Estará com frio? Estará com calor? Terá mamado que chegue? E está *sempre* por ali, o que me faz sentir acessória durante todo o tempo. É suposto que eu vigie a criança enquanto a Anna estiver a descansar, para ela ter tempo para si. Descansar do quê, ao certo? Ela é assustadoramente nervosa, também. Estou sempre a vê-la a pairar à minha volta, a estremecer por tudo e por nada. Assusta-se de cada vez que passa um comboio ou sempre que o telefone toca. «Eles são tão frágeis, não são?», pergunta, e eu não posso dizer que discordo.

Saio de casa e percorro cansada os 50 metros ao longo de Blenheim Road até à casa deles. O mais devagar que consigo. Hoje não é ela quem me abre a porta, mas sim o marido. O Tom, de fato e gravata, pronto para o trabalho. Ele fica bonito de fato: não como o Scott, é mais baixo e mais pálido, e tem os olhos demasiado próximos, se o observarmos de perto, mas não é mau de todo. Mostra-me o seu grande sorriso à Tom Cruise e sai porta fora, e fico só eu e ela e o bebé.

*Quinta-feira, 16 de agosto de 2012*

*Tarde*

Despedi-me!

Sinto-me tão melhor, como se tudo fosse possível agora. Estou livre!

Estou sentada no terraço, à espera da chuva. O céu está cinzento por cima de mim, com as andorinhas a mergulharem e a fazerem piruetas, o ar carregado de humidade. O Scott há de chegar a casa daqui a uma hora, e eu vou ter de lhe contar. Só ficará chateado comigo um ou dois minutos, hei de resolver as coisas. E não me limitei a ficar sentada durante o dia inteiro de braços cruzados: estive a fazer planos. Vou inscrever-me num curso de fotografia, ou abrir uma lojinha no mercado, ou vender joias. Posso aprender a cozinhar.

Tive um professor que me disse uma vez que eu era especialista em reinventar-me. Não percebi o que ele disse na altura, pensei que estivesse só a galar-me, mas depois habituei-me a gostar da ideia. Fugitiva, amante, esposa, empregada de mesa, diretora de uma galeria, ama-seca e o que mais houve pelo meio. Então, quem é que eu quero ser amanhã?

Na verdade eu não queria despedir-me, as palavras saíram-me simplesmente da boca. Estávamos ali sentados, à volta da mesa da cozinha, a Anna com o bebé ao colo, e o Tom tinha voltado para buscar uma coisa, por isso também lá estava, a beber um café, e aquilo pareceu-me absurdo, não fazia sentido algum que eu estivesse ali. Ainda pior, senti-me constrangida, como se fosse uma intrusa.

— Arranjei outro trabalho — deixei escapar, sem pensar bem no assunto. — De maneira que não vou poder ajudar-vos por muito mais tempo.

A Anna lançou-me um olhar; acho que não acreditou em mim. Disse apenas:

— Oh!, que pena — e eu percebi que ela não estava a falar a sério. Parecia aliviada. Nem sequer me perguntou qual era o trabalho; ainda bem, porque eu não tinha pensado em nenhuma boa mentira.

O Tom pareceu ligeiramente surpreendido.



— Vamos sentir a tua falta — disse ele, mas também estava a mentir.

A única pessoa que vai ficar verdadeiramente desapontada é o Scott, por isso tenho de pensar bem no que lhe vou dizer. Posso sempre explicar que o Tom se andava a atirar a mim. Isso há de resolver a questão.

*Quinta-feira, 20 de setembro de 2012*

*Manhã*

Ainda mal passa das 7, o tempo está fresco cá fora, mas fica tudo tão bonito assim, os jardins ao lado uns dos outros, verdes e frios e à espera de que os raios de sol se ergam por cima dos carris e lhes deem vida. Estou acordada há horas; não consigo dormir. Já não durmo há dias. Odeio isto, odeio as insónias mais do que tudo, ficar ali deitada, com a cabeça às voltas, tique, taque, tique, taque. Sinto comichão no corpo inteiro. Apetece-me rapar o cabelo.

Só me apetece fugir. Quero ir numa viagem de carro, de descapotável, com o cabelo ao vento. Conduzir até à costa: qualquer uma serve. Andar na praia. Eu e o meu irmão mais velho iríamos viajar de carro pelo mundo. Tínhamos tantos planos, eu e o Ben. Enfim, eram sobretudo os planos do Ben: ele sempre foi um sonhador. Iríamos andar de mota de Paris até à Côte d'Azur ou descer pela costa do Pacífico, de Seattle a Los Angeles; iríamos seguir o mesmo caminho que o Che Guevara de Buenos Aires a Caracas. Talvez se eu tivesse feito tudo isso, não teria acabado aqui, sem saber o que fazer a seguir. Ou, mesmo que eu tivesse feito tudo isso e acabasse exatamente no mesmo sítio, pelo menos estaria contente e feliz. Porém acabei por não fazer nada disso, é claro, porque o Ben nunca fez a tal viagem a Paris, nem nunca sequer passou para lá de Cambridge. Morreu na A10, com o crânio esmagado pelas rodas de um semirreboque.

Tenho saudades dele todos os dias. Mais do que de qualquer outra pessoa, acho eu. Ele é o grande vazio da minha vida, mesmo no meio da minha alma. Ou talvez isso tenha sido só o início. Não sei. Nem

sequer sei se tudo isto é mesmo por causa do Ben ou se é por causa de tudo o que se passou a seguir, tudo o que veio depois. Só sei que num instante está tudo a correr bem, e a vida é bela, e nada me falta, e logo a seguir só me apetece fugir, completamente desnorteada, e sinto-me a afundar, em derrapagem.

Por isso, vou consultar um psicoterapeuta! O que pode ser esquisito, mas também pode ser divertido. Sempre pensei que deve ser engraçado ser católico, poder ir ao confessional e desabafar com alguém que nos perdoe tudo, que nos lave os pecados todos, para começarmos de fresco.

Não é bem a mesma coisa, eu sei. Estou só um pouco nervosa, porque não tenho dormido nada ultimamente e porque o Scott tem andado a chatear-me para ir. Expliquei-lhe que já era suficientemente difícil abordar essas coisas com alguém que conheço — quase não consigo falar com ele sobre o assunto. Ele disse que era essa a ideia, que eu poderia dizer absolutamente tudo a um estranho. No entanto isso não é completamente verdade. Não podemos dizer *absolutamente tudo* a seja quem for. Coitado do Scott. Ele não sabe da missa a metade. Adora-me tanto, que até dói. Não sei como é que consegue. Eu enlouqueceria comigo mesma.

Ainda assim tenho de fazer alguma coisa, e pelo menos isto já é um primeiro passo. Todos aqueles meus planos — cursos de fotografia e aulas de culinária —, se formos a ver bem, parecem um bocado inúteis, como se eu estivesse a brincar à vida real em vez de a viver realmente. Tenho de encontrar alguma coisa que precise mesmo de fazer, algo inelutável. Não consigo fazer isto, não consigo ser simplesmente uma esposa. Não percebo como é que alguém é capaz: não há literalmente nada a fazer além de esperar. Ficar à espera de que um homem volte para casa e nos ame. Ou isso, ou andar às voltas à procura de outra distração.

### *Final da tarde*

Deixaram-me à espera. Já passaram 30 minutos da hora marcada para a consulta, e ainda aqui estou, sentada na receção, a folhear a *Vogue*

e a pensar que mais vale levantar-me e ir-me embora. Eu sei que as consultas nos médicos se atrasam, mas no psicoterapeuta? Sempre fiquei com a impressão pelos filmes de que nos põem na rua assim que os nossos 50 minutos acabem. Porém presumo que os psicoterapeutas de Hollywood não sejam bem como aqueles para onde o SNS nos manda.

Estou prestes a ir dizer à rececionista que já esperei bastante e que me vou embora, quando a porta do gabinete do médico se abre e sai lá de dentro um homem muito alto e esgalgado, a pedir-me desculpas enquanto estende a mão.

— Desculpe tê-la feito esperar, Sra. Hipwell — diz-me, e eu limito-me a sorrir e a dizer-lhe que não faz mal e sinto instantaneamente que tudo vai correr bem, porque só estou com ele há um minuto ou dois e já me sinto mais calma.

Acho que deve ser da voz. Baixa e afável. Tem um ligeiro sotaque, o que seria de esperar, com o nome de Dr. Kamal Abdic. Calculo que tenha uns 35 anos, apesar de parecer ainda mais novo, por causa daquela tez cor de mel incrível. Tem umas mãos bonitas que imagino a percorrerem-me o corpo, dedos compridos e delicados, quase consigo senti-los.

Não falamos sobre nada de muito importante; é só a primeira sessão, as apresentações, para nos ficarmos a conhecer. Ele pergunta-me qual é o problema, e eu conto-lhe dos ataques de pânico, das insónias, de passar as noites acordada, cheia de medo de adormecer. Ele quer que eu explique melhor o que sinto, mas ainda não estou pronta. Pergunta-me se consumo drogas ou se bebo álcool. Respondo que arranjei outra espécie de divertimento, e julgo pelo olhar dele que percebeu do que estava a falar. Depois penso que deveria levar isto mais a sério, e então conto-lhe que a galeria fechou, que na maioria das vezes me sinto um caso desesperado, a minha falta de rumo na vida, o facto de passar demasiado tempo imersa nos meus pensamentos. Ele não conversa muito, a menos que seja para encaminhar o diálogo; mas eu quero ouvi-lo falar, por isso enquanto saio aproveito para lhe perguntar de onde é.

— Maidstone — diz ele. — No Kent. Mas mudei-me há uns anos para Corly. — Ele sabe que não foi isso que eu perguntei; lança-me um sorriso lúbrico.

O Scott está à minha espera quando chego a casa e enfia-me uma bebida na mão, quer saber tudo. Respondo que foi mais ou menos. Ele pergunta-me sobre o psicoterapeuta: gostei dele, era simpático? Mais ou menos, respondo outra vez, porque não quero parecer demasiado entusiasmada. Pergunta-me se falámos sobre o Ben. O Scott pensa que tudo gira à volta do Ben. Pode ser que tenha razão. Pode ser que me conheça melhor do que eu penso.

*Terça-feira, 25 de setembro de 2012*

*Manhã*

Acordei bem cedo hoje de manhã, mas até consegui dormir algumas horas: sempre é melhor do que na semana passada. Sentia-me quase revigorada quando me levantei da cama, por isso, em vez de me sentar no terraço, resolvi sair para uma caminhada.

Tenho andado a fechar-me sobre mim própria, quase sem dar por isso. Os únicos sítios aonde parece que vou nos tempos que correm são meia dúzia de lojas, as minhas aulas de pilates e o psicoterapeuta. De vez em quando a casa da Tara. Durante o resto do tempo, fico em casa. Não admira que me sinta inquieta.

Saio de casa, viro à direita e depois à esquerda para Kingly Road. Passo à frente do *pub*, o The Rose. Dantes passávamos lá a vida; já não sei por que razão deixámos de ir. Nunca gostei por aí além do sítio, estavam lá sempre demasiados casais de quarentões a beber excessivamente e a olhar à volta à procura de um partido melhor, pensando se teriam coragem. Talvez tenha sido por isso que deixámos de lá ir, porque eu não gostava. Afasto-me do *pub* e das lojas. Não quero ir muito longe, é só um pequeno passeio, para esticar as pernas.

É bom passear bem cedo, antes de as escolas abrirem, antes do frenesim do trânsito; as ruas estão vazias e limpas, o dia aberto a todas as possibilidades. Viro à esquerda outra vez e caminho até ao pequeno parque infantil, a única reles imitação de espaço verde que temos no bairro. Agora está vazio, mas daqui a umas horas há de ser tomado

por crianças aos berros, mãezinhas e amas. Metade das minhas colegas do pilates vêm cá, com os seus fatos de treino caríssimos, a mostrar a tonificação do corpo, exibindo os dedos de unhas pintadas à volta dos seus copos do Starbucks.

Atravesso o parque e desço até Roseberry Avenue. Iria ter à minha galeria se virasse aqui — aquilo que foi a minha galeria, agora uma montra de loja vazia —, mas não quero, porque ainda me dói um pouco. Esforcei-me tanto para fazer dela um sucesso. Acho que estava no sítio errado na altura errada: quem é que quer saber de artes plásticas nos subúrbios com esta crise? Em vez disso, viro à direita, passando pelo Tesco Express, pelo outro *pub*, aquele aonde vão as pessoas do condomínio privado, e pelo outro lado até casa. Agora sinto um formigueiro na barriga, estou a ficar nervosa. Tenho medo de dar de caras com os Watsons, porque é sempre um pouco embaraçoso quando os encontro; é demasiado óbvio que não arranjei nenhum trabalho, que só menti, porque não queria continuar a ajudá-los.

Aliás, é embaraçoso encontrá-la. O Tom limita-se a ignorar-me. No entanto a Anna parece ter levado as coisas a peito. É evidente que pensa que a minha curta carreira como ama chegou ao fim por culpa dela ou da sua criança. Na verdade, a culpa não foi da *sua criança*, por muito difícil que fosse gostar dela assim, sempre a choramingar. É muito mais complicado do que isso, mas é claro que não lho posso explicar. Imagino que essa seja uma das razões pelas quais me tenho fechado em casa: porque não quero ver os Watsons. Há uma parte de mim que tem a secreta esperança de que eles se mudem. Eu sei que ela não gosta de cá morar: odeia aquela casa, odeia viver entre as coisas que foram da mulher dele, odeia os comboios.

Paro à esquina e espreito para a passagem subterrânea. Aquele cheiro a frio e a humidade provoca-me sempre um calafrio na espinha, como se estivesse a virar uma pedra para ver o que se esconde por baixo: musgo e minhocas e terra. Lembra-me de quando brincava no jardim em criança, à procura de rãs no charco com o Ben. Sigo em frente. A rua está vazia — nenhum sinal do Tom nem da Anna —, e aquela parte de mim que não resiste a um pouco de melodrama sente-se bastante desapontada.

*Final da tarde*

O Scott acabou de me ligar a dizer que tem de ficar a trabalhar até tarde, o que não era propriamente o que eu estava à espera de ouvir. Estou um bocado nervosa, passei o dia assim. Não consigo ficar quieta. Precisava que ele viesse para casa e me acalmasse, e agora ele vai demorar horas a chegar, e o meu cérebro vai andar acelerado às voltas e às voltas, e já sei que me espera mais uma noite sem dormir.

Não posso simplesmente ficar aqui, a ver os comboios, estou demasiado agitada, o coração a bater-me no peito como um pássaro a tentar fugir da gaiola. Enfio os chinelos e desço as escadas, saindo pela porta. São 7 e meia: estão os últimos retardatários a voltar para casa do trabalho. Não se vê ninguém na rua, apesar de se ouvir os gritos das crianças a brincarem nos jardins das traseiras, a aproveitarem os últimos raios de sol, antes de as chamarem para jantar.

Desço a rua até à estação. Paro um instante à porta do n.º 23 e penso em tocar à campainha. O que diria eu? Que fiquei sem açúcar? Que só me apeteceu conversar? Eles têm as persianas entreabertas, mas não consigo ver ninguém lá dentro.

Continuo a andar até à esquina e, sem pensar verdadeiramente no que estou a fazer, sigo em frente pela passagem subterrânea. Vou a meio do túnel quando o comboio passa por cima de mim, e é uma sensação magnífica: como se fosse um terramoto, podemos senti-lo mesmo no meio do corpo, a sacudir-nos o sangue. Olho para baixo e reparo que há qualquer coisa no chão, um elástico de cabelo, roxo, um pouco largo, bastante usado. Perdido por alguém a correr, provavelmente, mas há algo nele que me faz sentir um arrepio, e só quero sair dali depressa, para a luz do sol.

A caminho da rua, ele passa por mim no seu carro, os nossos olhos cruzam-se um instante, e ele sorri para mim.

# RACHEL

*Sexta-feira, 12 de julho de 2013*

*Manhã*

ESTOU EXAUSTA, com a cabeça pesada do sono. Quando bebo, quase não consigo dormir. Desmaio durante uma ou duas horas e depois acordo, enjoada com o medo, enjoada comigo mesma. Se por acaso não beber nalgum dia, nessa noite deixo-me afundar no sono mais profundo, numa inconsciência absoluta, e de manhã não consigo acordar como deve ser, não consigo sacudir o sono, fico entorpecida por horas a fio, às vezes o dia todo.

Hoje só há meia dúzia de pessoas na minha carruagem, e nenhuma está perto de mim. Não há ninguém a observar-me, portanto encosto a cabeça à janela e permito-me fechar os olhos.

Acordo com o chiar dos travões do comboio. Estamos no sinal. Nesta altura da manhã, nesta altura do ano, a luz do sol bate diretamente nas traseiras das casas junto à linha, inundando-as de luz. Quase consigo senti-lo, o calor do sol daquela manhã, no meu rosto e nos meus braços, sentada à mesa do pequeno-almoço, o Tom à minha frente, os meus pés descalços apoiados nos dele, porque estão sempre mais quentes do que os meus, os meus olhos poisados no jornal. Lembro-me dele a sorrir-me, o calor a subir-me do peito para o pescoço, como acontecia sempre que ele olhava para mim de uma determinada maneira.

Pestanejo com força, e o Tom desaparece. Continuamos parados no sinal. Vejo a Jess no jardim e atrás dela um homem a sair de casa.

Traz consigo uma coisa — uma chávena de café, talvez —, e olho para ele e percebo que não é o Jason. Este homem é mais alto, mais magro, mais escuro. Deve ser um amigo de família; irmão dela ou irmão do Jason. Ele baixa-se, poisando as chávenas na mesa de ferro do pátio. É um primo da Austrália, que veio passar cá umas semanas; é o melhor amigo do Jason, foi padrinho de casamento dele. A Jess aproxima-se, põe-lhe as mãos na cintura e dá-lhe um beijo, longo e profundo. O comboio volta a andar.

Mal posso acreditar. Tento respirar, mas percebo que estive a sustentar o fôlego. Porque faria ela aquilo? O Jason adora-a, eu sei que sim, eles são felizes, os dois. Não posso acreditar que ela lhe fosse fazer aquilo, ele não merece. Sinto uma súbita desilusão, como se eu própria tivesse sido enganada. Uma dor antiga enche-me o coração. Já me senti assim antes. Com bastante mais intensidade, é certo, mas lembro-me de que a dor era igual. Não nos esquecemos dela assim.

Descobri da maneira que toda a gente parece descobrir hoje em dia: uma gafe eletrónica. Pode ser um SMS ou uma mensagem de voz; no meu caso foi um e-mail, que é a versão moderna da mancha de batom no colarinho. Foi por acaso, juro, não estava a bisbilhotar. Não era suposto mexer no computador do Tom, porque ele tinha medo de que eu apagasse alguma coisa importante por engano ou carregasse nalgum sítio que não devesse e instalasse um vírus ou assim.

«Não tens mesmo jeitinho nenhum com máquinas, pois não, Rach?», disse ele naquela vez em que eu lhe apaguei por engano todos os endereços da lista de contactos do e-mail. Por isso eu não podia mexer no computador. No entanto foi por uma boa causa: eu estava a tentar redimir-me de andar sempre tristonha e arreliada e lembrei-me de planear uma escapadinha especial para o nosso 4.º aniversário, uma viagem para nos lembrarmos de quando era tudo tão bom. Queria que fosse surpresa, de maneira que tinha de ver às escondidas a agenda do trabalho dele, fui só espreitar.

Não estava a bisbilhotar, não estava a tentar apanhá-lo em falso nem nada. Eu era melhor do que isso. Não queria ser uma daquelas mulheres desconfiadas horríveis que revistam os bolsos dos maridos. Uma vez, atendi-lhe o telemóvel quando ele estava no banho, e zangou-se



e acusou-me de não confiar nele. Senti-me mesmo mal, porque ele ficou triste comigo.

Precisava de ver a agenda do Tom, e ele tinha deixado o portátil ligado, porque já estava atrasado para uma reunião. Era a oportunidade perfeita, por isso abri o calendário e apontei umas datas. Quando fechei a janela do *browser* com o calendário, ali estava a conta de e-mail dele, à mostra. A primeira mensagem era do endereço [aboyd@cinnamon.com](mailto:aboyd@cinnamon.com). Carreguei nela. XXXXX. Primeiro ainda pensei que não passasse de spam, mas de repente percebi que eram beijos.

Era a resposta a uma mensagem que ele tinha enviado umas horas antes, às 7 da manhã, quando eu ainda estava a dormir na nossa cama.

Adormeci na noite passada a pensar em ti, a sonhar que te beijava a boca, e os seios, e o interior das coxas. Acordei hoje de manhã e não pensava em mais nada, doido por te tocar. Não esperes que eu seja sensato, não sou capaz, não contigo.

Li as outras mensagens: havia centenas, escondidas numa pasta chamada «Admin». Descobri que ela se chamava Anna Boyd e que o meu marido estava apaixonado por ela. Era o que lhe dizia, repetidamente. Dizia-lhe que nunca se tinha sentido assim antes, que mal podia esperar por encontrá-la, que já não faltava muito para poderem estar juntos.

Não consigo descrever o que senti naquele dia, mas agora, sentada no comboio, sinto-me enraivecida, com as unhas a enfiarem-se-me nas palmas das mãos, as lágrimas a picarem-me os olhos. Tenho um ataque de fúria. Sinto-me como se *me* tivessem tirado alguma coisa. Como é que ela foi capaz? Como é que a Jess foi fazer isto? O que é que se passa com ela? Olhem só para a vida deles: não era magnífica? Nunca percebi como é que as pessoas são capazes de ignorar alegremente os males que provocam ao seguirem os seus corações. Quem disse que seria bom seguir o nosso coração? É puro egoísmo, só pensam em si. Estou tomada pelo ódio. Se eu visse aquela mulher agora, se eu encontrasse a Jess, haveria de lhe cuspir na cara. Arrancar-lhe-ia os olhos.

*Final da tarde*

Houve um problema na linha. O comboio-expresso das 17h56 para Stoke foi cancelado, portanto os passageiros invadiram o meu comboio, e já só restam lugares de pé. Felizmente arranjei um lugar, mas fica na coxia, não junto à janela, e tenho gente encostada ao meu ombro, ao meu joelho, a invadir o meu espaço. Sinto o impulso de os empurrar, de me levantar e de os enxotar. O calor aumentou ainda mais hoje, deixando-me encurralada. Sinto-me como se estivesse a respirar através de uma máscara. Estão todas as janelas abertas, e ainda assim, apesar de estarmos a andar, parece que falta oxigénio na carruagem, como num caixão de metal. Falta-me o ar nos pulmões. Sinto-me tão mal. Não consigo deixar de pensar na cena da cafetaria hoje de manhã. É como se ainda lá estivesse, não consigo deixar de ver a expressão da cara deles.

A culpa é da Jess. Eu estava obcecada hoje de manhã com a Jess e com o Jason, com o que ela tinha feito e o que ele iria sentir, a discussão que iriam ter quando ele descobrisse e o mundo dele colapsasse, tal como o meu. Parecia que estava presa num labirinto, sem me concentrar no caminho. Sem pensar, entrei no café a que vai toda a gente da Huntingdon Whiteley. Já tinha passado pela porta quando os vi, e então já era tarde demais para voltar atrás; estavam a olhar para mim, com os olhos muito arregalados por uma fração de segundo, antes de se lembrarem de compor um sorriso na cara. O Martin Miles com a Sasha e a Harriet, a acenarem-me do alto do seu embaraço para a minha vergonha.

— Rachel! — disse o Martin com os braços abertos, ao forçar-me a um abraço. Como não estava à espera do gesto, fiquei com as mãos entaladas entre nós, dobradas contra o corpo dele. A Sasha e a Harriet sorriram, atirando-me um beijo pelo ar, sem quererem aproximar-se muito. — O que te traz por cá?

Durante um longo, interminável instante, não consegui responder. Olhei para o chão, senti-me a corar, dei uma gargalhada fingida, ao perceber que só estava a piorar as coisas, e disse:

— Tenho uma entrevista.

— A sério? — O Martin não foi capaz de esconder a surpresa, ao passo que a Sasha e a Harriet assentiram e sorriram. — Com quem?

Não me consegui lembrar do nome de uma única empresa de relações públicas. Nem uma. Também não me consegui lembrar do nome de nenhuma agência imobiliária, muito menos de uma que pudesse estar a contratar. Fiquei só ali, a esfregar o queixo com o indicador enquanto abanava a cabeça, até que o Martin acrescentou:

— É segredo, hein? Há algumas empresas assim esquisitas, não é? Não querem que se saiba nada antes de estar tudo acertado e o contrato assinado. — Aquilo era uma grandessíssima treta, e ele sabia-o, só o disse para me salvar; ninguém acreditou, mas toda a gente fingiu que sim e assentiu com a cabeça. A Harriet e a Sasha olhavam por cima do meu ombro para a porta, sem saber o que fazer, à procura de uma desculpa para sair dali.

— É melhor pedir o meu café — disse eu. — Não quero chegar atrasada.

O Martin pôs-me a mão no braço e disse:

— Ainda bem que nos encontrámos, Rachel. — A pena dele era quase palpável. Eu nunca tinha percebido, pelo menos até há um ou dois anos, como é humilhante terem pena de nós.

O meu plano era ir à Biblioteca de Holborn, em Theobalds Road, mas não conseguiria enfrentar mais ninguém, portanto em vez disso fui a Regent's Park. Atravessei-o até ao fim, ao pé do jardim zoológico. Sentei-me à sombra de um sicómoro, a pensar nas horas vazias que tinha pela frente e a rebobinar a conversa no café, lembrando-me da expressão na cara do Martin quando me disse adeus.

Estaria ali há menos de meia hora quando o telemóvel tocou. Era o Tom outra vez, a ligar-me do telefone de casa. Tentei imaginá-lo, a trabalhar no portátil na nossa cozinha cheia de sol, mas a imagem foi destruída pela intromissão da nova vida dele. Ela havia de estar ali algures, em pano de fundo, a fazer chá ou a dar de comer à menina, a lançar a sua sombra sobre tudo. Deixei que a chamada fosse para o correio de voz. Voltei a pôr o telemóvel na mala e tentei ignorá-lo. Não queria ouvi-lo mais, hoje não; hoje o dia já estava a ser horrível, e não eram sequer 10 e meia da manhã. Aguentei-me uns três minutos antes de voltar a pegar no telemóvel e ligar o número para ouvir a mensagem. Preparei-me para a agonia de ouvir a sua voz — aquela voz que costumava falar comigo cheia de risos e de

luz e que agora só sabia repreender-me ou consolar-me ou lastimar-me —, mas não era ele.

— É a Anna, Rachel.

Desliguei.

Não conseguia respirar, não conseguia impedir o meu cérebro de andar às voltas nem o prurido na minha pele, portanto levantei-me e fui até à loja da esquina de Titchfield Street e comprei quatro latas de gin tónico, antes de voltar para o meu esconderijo no parque. Abri a primeira lata e bebi-a o mais depressa que fui capaz, para poder passar à segunda. Virei as costas para o caminho para não ver as pessoas a correrem e as mães com os seus carrinhos e os turistas, porque se não conseguisse vê-los, poderia fingir como uma criança que eles também não me conseguiriam ver. Voltei a ligar para o correio de voz.

— É a Anna, Rachel. — Uma longa pausa. — Preciso de falar contigo sobre todas estas chamadas. — Mais uma longa pausa: ela está a falar comigo e a fazer outra coisa, ao mesmo tempo, como qualquer mulher e mãe ocupada, a arrumar a casa, a encher a máquina de lavar. — Olha, eu sei que tens andado com problemas — diz ela, como se não tivesse nada que ver com a minha dor —, mas não podes passar as noites a ligar-nos. — Fala num tom de voz articulado e irascível. — Já basta que nos incomodes, mas também acordas a Evie, e isso é que não pode ser. Estamos a tentar que ela passe a dormir a noite toda, agora. — *Estamos a tentar que ele passe a dormir a noite toda.* Nós. A nossa pequena família. Com os nossos problemas e as nossas rotinas. Puta de merda. Não passa de um cuco, a pôr o seu ovo no meu ninho. Tirou-me tudo o que eu tinha. Tirou-me tudo e agora ainda me liga a dizer que a minha angústia é uma inconveniência?

Acabo a segunda lata e dou um gole na terceira. A euforia do álcool a invadir-me a corrente sanguínea dura só uns minutos, mas depois fico enjoada. Bebi depressa demais, até mesmo para mim, tenho de ir com calma; se não for mais devagar, vai acontecer alguma coisa má. Vou arrepende-me de alguma coisa. Vou devolver-lhe a chamada e dizer-lhe que me estou nas tintas para ela e para a sua família e que tanto me faz se a filha nunca mais tiver uma boa noite de sono para o resto da vida. Vou dizer-lhe que ele já usava comigo a mesma frase de engate — «Não esperes que eu seja sensato» —, também ma escreveu

numa carta a declarar a sua paixão eterna. A frase nem sequer é dele: roubou-a ao Henry Miller. Tudo o que ela tem, tem-no em segunda mão. Gostava de saber como ela se sente com isso. Apetece-me ligar-lhe e perguntar-lhe: qual é a sensação, Anna, de viver na minha casa, rodeada pelos móveis que eu comprei, dormir na cama que partilhei com ele durante aqueles anos todos, dar de comer à tua filha na mesa da cozinha onde ele me fodia?

Continuo a achar extraordinário que eles tenham resolvido lá ficar, naquela casa, na *minha* casa. Nem queria acreditar quando ele mo disse. Eu adorava a casa. Fui eu que insisti em comprá-la, apesar do sítio. Gostava de viver junto ao caminho de ferro, gostava de ver os comboios passarem, adorava aquele som, não o fragor apressado dos intercitys expresso, mas sim a cadência melancólica das carruagens antigas. O Tom avisou-me que não iria ser assim para sempre, que acabariam por modernizar a linha e que então só teríamos o estrépito dos comboios rápidos, mas eu não quis acreditar que isso viesse mesmo a acontecer. Teria lá ficado, ter-lhe-ia comprado a parte dele, se na altura tivesse tido o dinheiro. Não comprei, no entanto, e não conseguimos arranjar quem nos ficasse com a casa por um preço decente após o divórcio, portanto, em vez disso, ele comprou a minha parte e disse que iria lá ficar até que lhe fizessem uma boa proposta. É claro que depois nunca arranjou comprador; limitou-se a pô-la lá em casa, ela também a adorou, e resolveram ficar. Ela devia ter muita confiança em si própria, imagino, neles os dois, para aquilo não a incomodar, ocupar assim o espaço que tinha sido doutra mulher. Pelos vistos não me encara como uma ameaça. Penso no Ted Hughes, que instalou a Assia Wevill na casa onde tinha vivido com a Sylvia Plath, nela a usar as roupas da Sylvia, a pentear o cabelo com a mesma escova. Apetece-me ligar à Anna e lembrar-lhe que a Assia acabou com a cabeça enfiada no forno, tal como a Sylvia antes dela.

Devo ter adormecido, embalada pelo gin e pelo calor do sol. Acordei sobressaltada, a remexer à volta em desespero à procura da minha mala. Ainda ali estava. Tinha o corpo cheio de comichão das formigas no meu cabelo e no meu pescoço e no meu peito, e levantei-me de um salto, a sacudi-las. Os dois miúdos que jogavam à bola a uns 40 metros pararam para olhar para mim e desataram a rir às gargalhadas.

O comboio detém-se. Estamos mesmo junto à casa da Jess e do Jason, mas não consigo olhar para a janela do outro lado da carruagem, tenho demasiadas pessoas à frente. Pergunto-me se eles estarão ali, se ele saberá, se se terá ido embora, ou se continuará a viver aquilo que ainda vai descobrir ser uma grande mentira.

*Sábado, 13 de julho de 2013*

*Manhã*

Não preciso de olhar para o relógio para saber que são 8 da manhã, mais quinze minutos, menos quinze minutos. Sei-o pela intensidade da luz, pelos ruídos da rua que entram pela minha janela, pelo barulho da Cathy a aspirar o corredor à porta do meu quarto. Aconteça o que acontecer, a Cathy levanta-se bem cedo todos os sábados para limpar a casa. Pode ser o dia de anos dela, ou o Juízo Final: a Cathy levanta-se sempre cedo ao sábado para arrumar. Ela diz que é a sua catarse, que é a única maneira de ter um bom fim de semana e que assim não precisa de ir ao ginásio, com todo aquele exercício.

Não me incomoda, o aspirador matinal, porque de qualquer maneira não seria capaz de dormir. Nunca consigo descansar de manhã; não sou capaz de ficar a dormir em paz até ao meio-dia. Acordo bruscamente, com a respiração ofegante e o coração aos pulos, a boca seca, e percebo de imediato que acabou. Já não vou dormir mais. Quanto mais quero alhear-me de tudo à minha volta, menos consigo fazê-lo. A azáfama e a luz lá de fora não me deixam descansada. Fico ali deitada, a ouvir o som da faxina da Cathy, afincada e feliz, e penso nas roupas junto à linha do comboio e na Jess a beijar o amante à luz do sol da manhã.

Tenho o dia inteiro pela frente, nem um único minuto ocupado.

Poderia ir à feira biológica da Broad; comprava veado e *pancetta* e passava o dia todo a cozinhar.

Poderia sentar-me no sofá com uma caneca de chá a ver na televisão o *Saturday Kitchen*.

Poderia ir ao ginásio.

Poderia atualizar o meu currículo.

Poderia esperar que a Cathy saísse de casa, ir à loja de bebidas e comprar duas garrafas de *Sauvignon Blanc*.

Numa outra vida, também costumava acordar cedo, com o som do comboio das 8h04 a passar; abria os olhos e ouvia a chuva a bater contra a janela. Sentia-o nas minhas costas, a dormir, quente e rígido. Depois íamos comprar os jornais, e eu fazia ovos mexidos, sentávamo-nos na cozinha a beber chá, íamos ao *pub* comer um almoço tardio, adormecíamos enroscados à frente da televisão. Imagino que as coisas tenham mudado para ele, nada de sexo lânguido ao sábado de manhã, nem ovos mexidos, mas uma espécie de alegria diferente, uma pequena bebé metida entre ele e a mulher, a palrar. Deve estar a aprender a falar, «Papá» e «Mamã» para aqui e para ali, uma linguagem secreta incompreensível para todos exceto os pais.

Sinto uma dor compacta e pesada no meio do peito. Mal posso esperar por que a Cathy saia de casa.

### *Final da tarde*

Vou ver o Jason.

Passei o dia todo no quarto, à espera de que a Cathy saísse, para poder ir beber um copo. Não saiu. Sentou-se inabalável na sala de estar, «só a pôr alguns papéis em dia». À tarde, quando já não conseguia aguentar a reclusão nem o tédio, disse-lhe que iria dar uma volta. Fui até ao Wheatsheaf, aquele *pub* enorme onde ninguém nos conhece, junto à High Street, e bebi três copos cheios de vinho. Mais dois goles de *Jack Daniel's* para ganhar coragem. Depois fui até à estação, comprei duas latas de gin tónico e entrei no comboio.

Vou ver o Jason.

Não o vou *visitar*, não vou de repente aparecer-lhe em casa e bater à porta. Nada disso. Nada de maluquices. Só quero passar pela casa, vê-la do comboio. Não tenho nada que fazer e não me apetece ir para casa. Só quero vê-lo. Quero vê-los aos dois.

Isto não é boa ideia. Já sei que não é boa ideia.

Ainda assim, que mal pode fazer?

Só tenho de ir até Euston e voltar para trás noutro comboio. (Eu gosto de comboios, e que mal tem? Os comboios são maravilhosos.)

Antes, quando ainda era eu própria, costumava sonhar que iria fazer grandes viagens românticas com o Tom. (A linha de Bergen no nosso 5.º aniversário, o *Blue Train* no 40.º dele.)

Calma, agora vamos passar pela casa deles.

Há bastante luz, mas não consigo ver bem. (Visão dupla. Fechar um olho. Melhorou.)

Lá estão eles! Será ele? Estão de pé no terraço. Não estão? Aquilo é o Jason? Aquilo é a Jess?

Preciso de chegar mais perto, não consigo ver. Preciso de chegar mais perto deles.

Afinal não vou até Euston. Vou sair em Witney. (Não devia sair em Witney, pode ser perigoso; e se o Tom ou a Anna me virem?)

Vou sair em Witney.

Isto não é nada boa ideia.

É uma péssima ideia.

Há um homem do outro lado do comboio, com o cabelo loiro e arruivado. Sorri para mim. Deveria dizer-lhe qualquer coisa, mas as palavras estão sempre a eclipsar-se, a esfumar-se-me na língua antes que eu seja capaz de as pronunciar. Consigo saboreá-las, mas não percebo se serão doces ou amargas.

Será mesmo um sorriso ou um ar de chacota? Não consigo distingui-los.

*Domingo, 14 de julho de 2013*

*Manhã*

O meu coração parece bater desagradavelmente no fundo da garganta, com força. A minha boca está seca, dói-me a engolir. Deito-me de lado, com a cara virada para a janela. As cortinas estão fechadas, mas a pouca luz que transparece fere-me os olhos. Levo a mão à cara; esfrego as pálpebras com os dedos, tentando apagar a dor. Tenho as unhas nojentas.



Algo está errado. Durante um segundo, sinto que estou a cair, como se a cama tivesse desaparecido de debaixo do meu corpo. Ontem à noite. Aconteceu alguma coisa. O ar enche-me de repente os pulmões, e eu sento-me na cama, depressa demais, com o coração aos pulos, a cabeça a latejar.

Espero que me volte a memória. Às vezes demora um bocado. Às vezes está ali, à frente dos meus olhos, numa questão de segundos. Às vezes nunca chego a lembrar-me.

Aconteceu alguma coisa, alguma coisa má. Houve uma discussão. Vozes alteradas. Murros? Não sei, não me recordo. Fui até ao *pub*, meti-me no comboio, estava na estação e depois na rua. Blenheim Road. Fui até Blenheim Road.

Sou engolida pelo medo, como por uma onda.

Aconteceu alguma coisa, eu sei que sim. Não consigo visualizar a cena, mas consigo senti-la. Dói-me o interior da boca, como se tivesse mordido a bochecha, sinto um gosto metálico na língua. Sinto-me tonta e enjoada. Passo as mãos pelo cabelo, pela nuca. Tenho um galo doloroso e mole no lado direito da cabeça. O cabelo empastado pelo sangue.

Tropecei, foi isso. Nas escadas, na estação de Witney. Terei batido com a cabeça? Lembro-me de estar no comboio, mas depois disso é só o vazio, uma escuridão total. Respiro fundo, tento acalmar o ritmo cardíaco, dominar o pânico que me cresce no peito. Pensa. O que foi que eu fiz? Fui até ao *pub*, meti-me no comboio. Estava lá um homem: agora já me lembro, com o cabelo arruivado. Sorriu para mim. Acho que falou comigo, mas não sei o que disse. Há mais qualquer coisa, outra recordação dele, mas não a consigo encontrar, não consigo vislumbrá-la entre a escuridão.

Estou assustada, mas não sei bem do que tenho medo, o que só agrava ainda mais o pavor. Nem sequer sei se haverá mesmo alguma coisa de que ter medo. Olho à volta do quarto. Falta-me o telemóvel na mesa de cabeceira. Não tenho a mala no chão, não está pendurada nas costas da cadeira, onde a costumo deixar. Deveria tê-la comigo, no entanto, estou em casa, o que significa que teria as chaves.

Levanto-me da cama. Estou nua. Vejo-me na porta espelhada do roupeiro. As minhas mãos tremem. Tenho rímel esborratado na cara

e um golpe no lábio de baixo. Nódoas negras nas pernas. Fico enjoada. Volto a sentar-me na cama e enfio a cabeça entre os joelhos, à espera de que as náuseas passem. Ponho-me de pé, agarro no roupão e abro uma nesga da porta do quarto. A casa está sossegada. Não sei como, mas tenho a certeza de que a Cathy saiu. Ter-me-á dito que iria ficar na casa do Damien? Acho que falou comigo, apesar de não me lembrar quando. Antes de eu sair? Ou terei falado com ela depois? Saio em silêncio para o corredor. A porta do quarto da Cathy está aberta. Espreito lá para dentro. Tem a cama feita. É possível que já se tenha levantado e feito a cama, mas julgo que não tenha ficado em casa na noite passada, o que sempre é algum alívio. Se não está, então não me viu nem ouviu a chegar ontem à noite, portanto não sabe que estou assim tão mal. Isso não deveria ter importância, mas tem: a minha sensação de vergonha após um incidente é não apenas proporcional à sua gravidade, mas também ao número de pessoas que o tiverem testemunhado.

Volto a sentir-me tonta no cimo das escadas e agarro-me com força ao corrimão. É um dos meus maiores medos (além de ter uma hemorragia interna quando o fígado finalmente desistir), cair assim das escadas e partir o pescoço. Só de pensar nisso fico ainda mais enjoada. Quero deitar-me, mas preciso de encontrar a minha mala, olhar para o telemóvel. Tenho de saber pelo menos se não terei perdido os cartões de crédito ou se terei ligado a alguém. A minha mala foi despejada à entrada, junto à porta. As minhas calças de ganga e a roupa interior estão mesmo ao lado, amontoadas; consigo sentir o cheiro a urina do fundo das escadas. Agarro na mala para procurar o telemóvel: está ali, graças a Deus, junto dumas notas de 20 amarradas e dum lenço de papel ensanguentado. A náusea reaparece, agora mais forte; sinto a bÍlis no fundo da garganta e desato a correr, mas não consigo chegar à casa de banho e vomito na alcatifa a meio das escadas.

Tenho de me deitar. Se não me deitar, vou desmaiar. Depois limpo isto.

Lá em cima, ponho o telemóvel a carregar e deito-me na cama. Levanto os braços e as pernas lentamente, com cuidado, para os observar. Tenho nódoas negras nas pernas, por cima dos joelhos, nada de mais para uma bêbeda, só o género de ferida que se faz a chocar contra as coisas. Já os braços podem ser mais preocupantes, com umas marcas

ovais que parecem dedos. Não é necessariamente mau, já as tive antes, acontece geralmente quando caio e alguém me tenta ajudar a levantar-me. O galo na cabeça tem bastante mau aspeto, mas posso tê-lo feito de uma maneira tão inócua como a entrar num carro. Vai daí, apanhei um táxi para casa.

Pego no telemóvel. Tenho duas mensagens. A primeira é da Cathy, recebida às 5 e pouco, a perguntar onde estou. Vai passar a noite a casa do Damien, logo me vê amanhã. Espera que eu não esteja a beber sozinha. A segunda é do Tom, recebida às 10 e um quarto. Por pouco não deixo cair o telemóvel com o susto, ao ouvir a voz dele; está a gritar.

— Santo Deus, Rachel, qual é o teu problema? Estou farto disto, ouviste? Acabei de passar quase uma hora às voltas de carro à tua procura. Pregaste um susto do caraças à Anna, sabias? Ela pensou que tu ias... pensou que tu... Não me lembrei de outra maneira que a convencesse a não ligar à polícia. Deixa-nos em paz. Deixa de me ligar, deixa de andar a rondar, deixa-nos em paz de uma vez por todas. Não quero falar contigo. Percebeste? Não quero falar contigo, não quero ver-te, não te quero por perto da minha família. Podes dar cabo da tua vida, se te apetecer muito, mas não vais destruir a minha também. Agora acabou. Estou farto de te aparar os golpes todos, percebeste? Não te aproximes mais de nós.

Não sei o que fiz. O que terei eu feito? Entre as 5 da tarde e as 10 e um quarto, o que estive eu a fazer? Porque é que o Tom andava à minha procura? O que terei eu feito à Anna? Tapo a cabeça com o edredão e fecho os olhos com força. Imagino-me a ir até à casa deles, a atravessar o pequeno carreiro entre o jardim deles e o jardim dos vizinhos, a saltar por cima da cerca. Imagino que estou a abrir as portas de vidro, para entrar pela calada na cozinha. A Anna está sentada à mesa. Agarro-a pelas costas, enrolo a mão à volta dos longos cabelos loiros e puxo-lhe a cabeça com força para trás, atirando-a ao chão e esmagando-lhe o crânio contra os mosaicos azuis.

### *Final da tarde*

Alguém grita. Percebo que estive a dormir muito tempo pelo ângulo da luz a entrar na janela do meu quarto; deve ser o final da tarde, quase

noite. Dói-me a cabeça. Tenho sangue na almofada. Oiço alguém a gritar lá em baixo.

— Não acredito nisto! Pelo amor de Deus! Rachel! RACHEL!

Adormeci. Oh!, Cristo, não cheguei a limpar o vômito nas escadas. E as roupas na entrada. Oh!, meu Deus, oh!, meu Deus.

Visto umas calças de fato de treino e uma t-shirt. A Cathy está mesmo junto à porta do meu quarto quando a abro. Parece horrorizada ao ver-me.

— O que raio é que te aconteceu? — pergunta, mas depois levanta a mão. — Aliás, acho que prefiro não saber, Rachel. Não posso aturar isto em minha casa. Não posso ter... — não acaba a frase, mas está a olhar para o corredor, para o meio das escadas.

— Desculpa — digo eu. — Peço imensa desculpa. Estava muito maldisposta, e juro que iria limpar tudo, mas...

— Não estavas maldisposta, pois não? Estavas bêbeda. Estavas de ressaca. Desculpa, Rachel, mas não pode ser. Não posso viver assim. Tens de te ir embora, está bem? Dou-te quatro semanas para arran-jares outro sítio, mas depois tens de ir embora. — Vira-me as costas e dirige-se para o seu quarto. — E pelo amor de Deus, importas-te de ir limpar aquela porcaria? — Bate com a porta do quarto atrás dela.

Depois de limpar tudo, volto para o meu quarto. A porta da Cathy continua fechada, mas consigo sentir a raiva dela a irradiar silenciosamente do interior. Não lho posso levar a mal. Eu também estaria furiosa, se voltasse a casa e encontrasse umas cuecas todas mijadas à porta e uma poça de vômito nas escadas. Sento-me na cama e abro o portátil, entro na minha conta de e-mail e começo a escrever uma carta à minha mãe. Acho que finalmente chegou a altura. Tenho de lhe pedir ajuda. Se eu voltasse para casa dela, não poderia continuar como tenho andado, teria de mudar, teria de me tornar uma pessoa melhor. Porém, não consigo pensar nas palavras; não consigo encontrar uma forma de lhe explicar o que se passa. Imagino a cara dela ao ler o meu pedido de ajuda, a amargura da decepção, o exaspero. Quase a ouço a suspirar.

O telemóvel apita. Tenho uma mensagem, recebida há umas horas. É o Tom outra vez. O meu coração acelera enquanto ligo para o correio de voz, temendo o pior.

— Podes ligar-me de volta, Rachel? — Já não parece tão zangado, e a minha pulsação diminui um pouco. — Queria só ter a certeza de que chegaste bem a casa. Estavas num lindo estado, ontem à noite. — Um longo e sincero suspiro. — Ouve. Desculpa-me, se gritei contigo ontem, ou se as coisas ficaram um bocado... tensas. Lamento mesmo muito por ti, Rachel, a sério, mas isto tem de acabar.

Volto a ouvir a mensagem, o tom de bondade na voz dele, e vêm-me as lágrimas aos olhos. Fico muito tempo a chorar, antes de ser capaz de lhe escrever uma mensagem a dizer: «Peço imensa desculpa, já estou em casa.» Não consigo acrescentar nada, porque não sei ao certo pelo que estou a pedir desculpa. Não sei o que fiz à Anna, como a assustei. Também não me interessa assim tanto, mas chateia-me, se tiver deixado o Tom infeliz. Após tudo o que ele passou, merece ao menos ser feliz. Nunca lhe levarei a mal a felicidade: gostaria apenas que a partilhasse comigo.

Deito-me na cama e escondo-me debaixo do edredão. Quero mesmo lembrar-me do que aconteceu; quem me dera saber do que tenho de me arrepender. Procuro desesperadamente algum sentido num fragmento perdido da minha memória. Tenho a certeza de que estive a discutir com alguém ou vi alguém a discutir. Terá sido com a Anna? Os meus dedos tateiam a ferida na cabeça, o golpe no lábio. Quase consigo ver, quase consigo ouvir as palavras, mas a memória volta a fugir-me. Simplesmente não consigo focá-la. De cada vez que estou prestes a apreender o momento, este volta a recuar ainda mais para as trevas, um pouco para lá do meu alcance.



20 MILHÕES DE EXEMPLARES VENDIDOS  
EM TODO O MUNDO

O LIVRO QUE VAI MUDAR PARA SEMPRE  
O MODO COMO VEMOS A VIDA DOS OUTROS

TODOS OS DIAS, RACHEL APANHA O COMBOIO...

No caminho para o trabalho, ela observa sempre as mesmas casas durante a sua viagem.

Numa das casas ela observa sempre o mesmo casal, ao qual ela atribui nomes e vidas imaginárias. Aos olhos de Rachel, o casal tem uma vida perfeita, quase igual à que ela perdeu recentemente.

ATÉ QUE UM DIA...

Rachel assiste a algo errado com o casal... É uma imagem rápida, mas suficiente para a deixar perturbada.

Não querendo guardar segredo do que viu, Rachel fala com a polícia. A partir daqui, ela torna-se parte integrante de uma sucessão vertiginosa de acontecimentos, afetando as vidas de todos os envolvidos.

O THRILLER BESTSELLER QUE CHOCOU O MUNDO

«A *Rapariga no Comboio* é o mais envolvente romance com um narrador inconfiável desde *Em Parte Incerta*.

Este livro vai deixar os seus leitores arrepiados.»

*New York Times*

DREAMWORKS PICTURES, RELIANCE ENTERTAINMENT e NOS AUDIOVISUAIS APRESENTAM UMA PRODUÇÃO MARC PLATT UM FILME DE TATE TAYLOR "THE GIRL ON THE TRAIN" EMILY BLUNT REBECCA FERGUSON  
HALEY BENNETT JUSTIN THEROUX LUKE EVANS ALLISON JANNEY EDGAR RAMIREZ LISA KUDROW ELLENCE DE KERRY BARDEN PAUL SCHNEE MÚSICA DE DANNY ELFMAN SUPERVISORA EM VOZES JONATHAN KARP  
CENÁRIO DE MICHELLE MATLAND ANN ROTH MONTAGEM DE MICHAEL McCUSKER RITMO DE ANDREW BUCKLAND DIRETOR DE PRODUÇÃO KEVIN THOMPSON DIRETOR DE FOTOGRAFIA CHARLOTTE BRIOUS CHRISTENSEN PRODUTORA DE LIA COSTAS  
DREAMWORKS PICTURES CINECINEMA IN 3D DOLBY DIGITAL PRODUTORES MARC PLATT JARED LEBOFF BASEADO NO ROMANHO DE PAULA HAWKINS ARGUMENTO DE ERIN CRESSIDA WILSON REALIZADO POR TATE TAYLOR

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8800-54-1



9 789898 800541

Thriller